

O diálogo entre a animação... e o real

Catarina Calvino Gil



Os olhos rejubilam diante das imagens que, em constante desatino com as leis do mundo físico, criam novos mundos, novas realidades e novas percepções da própria realidade. Quando criança, seja perante um génio capaz de se metamorfosear em diferentes corpos, formas e objetos, seja ao observar um gato fundir-se com a sua amada lua, estes mundos são de uma imensa frescura. O imaginário infantil funde-se com o imaginário do filme e proporciona-se uma explosão de sonhos e fantasias.

Hoje, à ingenuidade da pequenez, que embora não prevaleça ainda perdura, junta-se uma consciência diferente do mundo, uma consciência mais crítica da realidade e daquilo que nos rodeia. Compreendemos, enfim, que nesse génio da lâmpada ou nesse gato que procura unir-se com a lua se perpetua algo mais profundo que o puro êxtase da fantasia. Encontramos gestos de consciência crítica, individual e coletiva, que perscrutam o mundo e o modo como nele se ramifica a vida em sociedade. Poderíamos afirmar, não obstante, que os significados que encontramos nos filmes provêm mais da nossa própria percepção do mundo e das preocupações que a nós nos ocupam a mente do que da intencionalidade do autor. Poderíamos debater como o génio de "Aladdin" (1992), produzido pelos estúdios Walt Disney, incorpora uma narrativa que celebra a cultura ocidental em contraste com o retrato estereotipado que desenha do Médio Oriente. Poderíamos relacionar esta personagem mágica à responsabilidade que advém de um grande poder, às particularidades de uma vida sem liberdade, à insatisfação do animal humano,... Poderíamos ainda debater como o gato em "Estória do Gato e da Lua" (1995) de Pedro Serrazina discursa sobre recordações passadas numa dança de silhuetas que se metamorfoseiam e misturam entre si, a partir de um olhar presente delineado pelos contornos das formas. Poderíamos encontrar pontos de contacto com os sinuosos caminhos da construção do "eu", a perseguição de sonhos distantes, experiências amorosas falhadas, ... Uma das particularidades da arte é, efetivamente, estar aberta à interpretação. Aquilo que despoleta no outro é por vezes mais interessante do que aquilo que o autor quer transmitir, ou aliás,

comunicar. Mas independentemente de uma qualquer intencionalidade, seria demasiado fácil, leviano até, admitir que não existe no cinema uma relação direta com o mundo. Existe. E se isto é verdade para o cinema de imagem real, para a animação parece-nos sê-lo ainda mais evidente.

Embora o advento do digital tenha vindo dissolver as fronteiras entre o cinema de imagem real e o cinema de animação, a animação continua a caracterizar-se pela sua rebeldia face às restrições colocadas pela realidade física. No seio de tal especificidade, a animação faz de si emergir um diálogo com a realidade ao desconstruí-la, reorganizá-la, torná-la noutra coisa através da plasticidade do corpo animado. O génio da lâmpada não é somente um génio, mas o espelho de um contexto social, político, cultural e histórico específico; o gato de Pedro Serrazina não é somente um gato, mas a representação do intrincado caminho que é a vida. É justamente por atuar a um nível metafísico, oferecendo ferramentas capazes de reorganizar o mundo e desconstruir as nossas percepções do que é real, que o cinema de animação proporciona as condições favoráveis para que uma comunicação crítica e um inflamar de consciências se proporcione.

Os olhos continuam a rejubilar-se diante desses corpos animados em constante desatino com as leis do mundo físico, mas compreendendo agora como, à sua semelhança, nos moldamos a contextos culturais, históricos, sociais e políticos específicos e constantemente nos transformamos, nos adaptamos. Tal como o génio que anseia por uma vida em liberdade e tal como o gato que procura obsessivamente o sedutor brilho da lua, a animação traz-nos um dinâmico e cativante retrato da vida, pois é, tal como ela, movimento, um fluxo em constante transformação. A animação traz-nos, assim, uma visão alternativa da realidade, abrindo portas ao fascínio e ao entretenimento, mas também à reflexão e à consciência crítica do mundo.

(2019-06-03)

* Imagem retirada de "Estória do Gato e da Lua" (1995) de Pedro Serrazina. Fonte: <https://vimeo.com/147128857>